

PREFERÊNCIAS NA MÚSICA POPULAR E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A APRENDIZAGEM MUSICAL

Cristina Grossi

UNB

Resumo: As preferências musicais são construídas nas práticas socioculturais e os significados que os indivíduos dão à música e às suas práticas emergem em diversas vias. Neste cenário, a música popular (MP) é, de forma abrangente, a mais experienciada. Este artigo trata das preferências na MP e suas implicações para a educação musical tendo como referência dados coletados em uma pesquisa que buscou investigar as caracterizações presentes na relação MP e fãs de estilos específicos, considerando as práticas auditivas como o campo de interesse principal. A ideia de considerar cada indivíduo como 'fã' foi potencialmente planejada para revelar nas preferências, tanto os significados que emergem nas vivências musicais (Green, 1997; 2006), quando as dimensões dessas vivências (Grossi, 2007). Foram realizadas entrevistas junto a 61 pessoas residentes no Distrito Federal, de idades e profissões variadas, para conhecer: os tipos de música preferidos e motivos da preferência, significados atribuídos, estilos rejeitados e motivos da rejeição, vivências auditivas e ideias gerais sobre aula de música. Alguns dos resultados mostraram tanto que os motivos para as preferências, quanto que as situações da audição, apontam mais para a relevância dos delineamentos em torno da MP que propriamente dos elementos intrínsecos da música - fãs falam sobre sonoridades, bandas, letras, ambientes, e dão indicações sobre identidades. Há similaridade nas respostas dos indivíduos que preferem o mesmo estilo. A forma de aprender os estilos preferidos se aproxima aos da vivência informal na cultura.

Palavras Chave: preferência musical, música popular, escuta musical, aprendizagem musical.

Abstract: The musical preferences are built on socio-cultural practices and the meanings that people give to music and to their experience emerge in varied ways. In this scenario, popular music (PM) is, broadly speaking, the

more experienced type. This article addresses the preferences in PM and its implications for music education based on data collected in a research which aimed to investigate the characterizations in the relationship MP and fans of specific styles, considering the listening practices as the main field of interest. The idea of considering each individual as 'fan' was potentially planned to reveal in the preferences, not only the meanings that emerge in the music experiences (Green, 1997; 2006), but also the dimensions of such experiences (Grossi, 2007). Interviews were conducted together with 61 residents of the Federal District, of varying ages and profession, to know: preferred types of music, reasons for preference, meanings attributed styles rejected, reasons for rejection, auditory experiences and ideas about the study preferred music. Among the theoretical framework used to guide the research there were: the meanings that emerge from music experiences (Green, 1997, 2005 and 2006), and the dimensions of music responses (Grossi, 2000, 2003 and 2007). Some of the results show that both the reasons for music preferences and the listening circumstances lie more on the realm of delineated meanings around PM than on the inherent elements of music - fans speak about sonorities, bands, lyrics and identities. Similar answers have been found amongst those who share their musical taste. If they were to study music in formal settings, it would be with his/her favourite artist and in a quite similar experience of informal contexts of musical learning.

Keywords: music preference, popular music, listening, music learning

Preferências e aprendizagens na escuta da música popular

As preferências musicais são construídas nas práticas socioculturais e os significados que os indivíduos atribuem à música emergem nas formas e situações, contextos e meios com que as práticas ocorrem. A música popular (MP) é, de forma ampla, aquela mais prontamente vivenciada nas diversas culturas humanas. A MP é aqui entendida como "músicas que a partir do início do século XX passaram a ser mediadas pelos meios de comunicação e informação eletrônicas e produzidas no âmbito da indústria

musical" (ARROYO, 2005, p.1). Esta definição abarca uma amplitude contextos e formas de vivências musicais, de tipos e estilos de música, incluindo samba, rock, reggae, funk e outros. Fundamentada em autores da sociologia da música, como Vulliamy e Shepherd, Peter Martin, e Lucy Green, tenho defendido a ideia de que a MP gera e desenvolve significados que são culturalmente representativos; nela, os indivíduos podem explorar e desenvolver criticamente suas realidades pessoais e culturais; é fonte diversificadora de experiências para criar, executar e refletir sobre o fazer musical (GROSSI, 2007a, p.1). A MP é essencial para a educação musical, não somente na perspectiva de execução de repertório, mas especialmente na valorização e utilização dos processos pedagógicos da aprendizagem da MP tendo como princípios aqueles de seus contextos sociais de prática. Falar de MP na educação musical é falar das práticas musicais da cultura nas quais as pessoas tem acesso por todo o correr de suas vidas.

A vivência na ou com a MP se dá marcadamente pela audição, em situações e ações variadas. Seguindo a premissa de Cavicchi (2003), temos hoje, mais do que nunca, nações de ouvintes. "O ato de ouvir constitui a principal forma do comportamento musical para a maioria [das pessoas]" (CAVICCHI, 2003, p.3). A escuta é uma atividade distinta das demais (como tocar e compor) e, por esta via, as pessoas constroem conhecimentos, habilidades e identidades, musicais ou não. Como lembra

Hargreaves (1992), "as pessoas não escutam música no vácuo; elas escolhem diferentes tipos de música para adequar diferentes atividades e ambientes e, ativamente ou passivamente, 'ouvem' com graus variados de atenção". Como ouvintes, as pessoas desenvolvem preferências musicais que não somente envolvem vivências frequentes e significativas para com os modelos sonoros próprios de estilos musicais preferidos, mas também envolvem relações afetivas e funcionais que permeiam e/ou fundamentam as preferências. Relevante lembrar também que são os ouvintes quem definem as características marcantes de um determinado estilo de música; segundo Moore (1993, apud GROSSI, 2000, p.41), estilo é uma 'qualidade virtual que não possui existência material exceto na mente dos ouvintes'; são eles que 'fazem suas próprias distinções entre os estilos'; o 'ouvinte é o agente formador e avaliador tanto do significado da música como também de seus valores, e estes, são preservados pelos ouvintes ou existem por causa deles'.

Em síntese, nas práticas auditivas do dia a dia, muito de música ou sobre música é apreendido e, mais do que isso, na relação das pessoas com música estão implicadas ações culturais (como compartilhar, interagir e conhecer) e sentidos de vida, autoexpressão, motivação e identidade.

O potencial educativo das práticas auditivas ganha proporção diminuta em um contexto onde se deveria usar e abusar de tal potencial -

o ensino formal de música, especialmente em instituições de ensino específico de música. Arroyo (2002) lembra que Ruth Finnegan, em 1989 alertava que os 'mundos musicais'¹ eram sistemas invisíveis aos olhos acadêmicos; 10 anos depois, constata que:

Mesmo com a expressiva produção de estudos socioculturais da educação musical no período, os vários mundos musicais nas sociedades contemporâneas permanecem ainda invisíveis e inaudíveis a muitos educadores das escolas e academias (ARROYO, 2002, p.105).

Nas instituições acadêmicas de formação do músico e do professor de música, por exemplo, as disciplinas eleitas para trabalharem com a audição se resumem em treinamento, fragmentação, e valorização no desenvolvimento de habilidade dos estudantes para reconhecerem e nomearem os materiais da música e suas disposições técnicas. O problema maior não é isso somente, mas ficar somente nisso. Venho alertando para os danos causados por abordagens reducionistas na escuta musical, que ao valorizarem o conhecimento técnico e analítico, deixam de lado outras dimensões da aprendizagem tão necessárias ao desenvolvimento da musicalidade e de um pensar musical artístico. Fica então, muitas vezes, a audição musical criativa e intuitiva, delimitada às vivências dos estudantes fora das salas de aula de música - quando, por exemplo, tocam para o público, gravam em estúdios, trocam ideias com a audiência, produtores

¹ Os 'mundos musicais', como entendidos por Finnegan, envolvem não somente tipos de música, mas também convenções sociais, valores, práticas e organizações sociais distintas (ARROYO, 2002, p.99).

e/ou outros músicos. No meu entendimento quanto à educação musical auditiva, os jovens estão aprendendo muito mais de música com seus pares, nas múltiplas vivências musicais existentes, incluindo textos culturais disponibilizados e mediados pelas tecnologias. O desafio para a educação musical é grande.

Respostas para questões como o que fazer na aprendizagem musical auditiva na sala de aula, por que, como, e que estratégias pedagógicas utilizar, venho buscando junto aos ouvintes, músicos ou não. São eles os principais personagens de uma educação musical abrangente; antes de tudo, a aprendizagem deve ser significativa para eles próprios, em seus mundos sócio-culturais. Algumas das questões centrais sobre a aprendizagem auditiva musical ou aprendizagem musical no contexto da audiência, utilizadas por pesquisadores, incluem: o que as pessoas fazem em suas atividades de escuta da música, o que pensam, que valor atribuem às suas vivências e à música, o que falam sobre a música e o que fazem com ela, por que fazem. Temáticas emergentes de estudo nesta vertente incluem as preferências musicais, os fãs de música e músicos, a aprendizagem musical no contexto das audiências, o desenvolvimento do gosto musical e formas de escuta.

Este artigo se volta para as preferências musicais de pessoas identificadas como fãs de determinados tipos, estilos e/ou gêneros musicais

no contexto da MP, apresentando e discutindo dados coletados em uma pesquisa que buscou investigar as caracterizações presentes na relação MP e fãs de estilos específicos, considerando as práticas auditivas como o campo de interesse principal. A premissa que originou a investigação foi que as músicas preferidas são ouvidas com intencionalidade e atenciosidade, gerando uma rede de conhecimentos cuja amplitude e confluência são potenciais para o ensino e a aprendizagem da música. A ideia de considerar cada indivíduo como 'fã' foi planejada para revelar nas preferências, tanto os significados que emergem nas vivências musicais (GREEN, 1997; 2006), quando as dimensões dessas vivências (GROSSI, 2000; 2007).

Em seu influente estudo sobre os fãs de Bruce Springsteen (músico de rock), Cavicchi (1998, p.4-5) lembra que, embora pertença a "uma categoria social mais ampla, com referência a modos de envolvimento de longa história e em uma variedade de atividades culturais", sabe-se que uma das características marcantes dos fãs é que desenvolvem "intensa identificação com personalidades e cenários" do mundo da música. Estudar os fãs envolve "questões fundamentais sobre quem nós somos e como entendemos nós mesmos nossas relações com os outros neste mundo moderno e mediado" (CAVICCHI, 1998, p.6). Longe de ser um estereótipo negativo, relacionado ao fanatismo, obsessão e à indústria da mídia, os fãs representam não somente "uma forma particularmente

importante da resistência do consumismo", incluindo o conhecimento da vida social na cultura popular, mas também a cultura expressiva e pública, que tem na música um "veículo de sentimento, identificação, senso de comunidade (...) e inspiração" (Idem, p.7); acrescento a estas características da música, como um veículo de conhecimento musical, fortemente associado ao tipo de música e ao músico preferido.

O trabalho aqui apresentado é parte dos estudos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa sobre o Ensino e a Aprendizagem da Música Popular (G-PEAMPO) do Departamento de Música da Universidade de Brasília que, em uma perspectiva interdisciplinar, estuda as relações ente indivíduo e música em contextos informais, de forma a discutir meios e conduções pedagógicas para o contexto da educação musical. Para a pesquisa em questão, foram realizadas entrevistas junto a 61 pessoas residentes no Distrito Federal², que incluíram estudantes do curso de música e de outros cursos de graduação da UnB, e pessoas de diferentes idades e profissões fora da UnB. A investigação empírica buscou conhecer: os tipos de música preferidos, motivos da preferência, características e significados atribuídos, tipos rejeitados e motivos da rejeição, vivências auditivas e suas possibilidades ou potencialidades músico-pedagógicas. Em síntese, o objetivo principal foi explorar a vivência dos fãs em termos das concepções

² A coleta de dados foi realizada por dois alunos de Iniciação Científica do Curso de Música da UnB: Hugo Leonardo Guimarães Souza e Rone Samuel Marques.

que permeiam suas preferências musicais, discutindo os resultados para o ensino e aprendizagem da MP.

Significados e dimensões das vivências musicais auditivas

Green (1997; 2006), em seus estudos sobre a construção social do significado musical, identifica e discute dois grandes focos de significação - o inerente (ou intrassônico) e o delineado. Enquanto o primeiro é dirigido para a sintaxe musical (relações entre os materiais da música e formas de organização sônica), o segundo tem relação direta com as representações individuais e coletivas que permeiam as relações entre indivíduo e música. Significados delineados são construídos individualmente e coletivamente, fundamentam crenças, identidades e pensamentos sobre a música, geram funcionalidade, referencialidade, afetividade e representatividade, seja social, cultural, religiosa, política ou outra (GROSSI, 2007b, p.36).

No contexto do significado 'inter e intramusical' (GREEN, 2006, p.102), o ouvinte percebe alguma coerência nas organizações entre os sons, relaciona o todo às partes, percebe o início e o fim, as repetições, as semelhanças e os contrastes. Tais atos perceptivos dependem de hábitos de escuta e da familiaridade com tipos específicos de música; são apreendidos tanto em contextos formais de ensino de música, quanto nas práticas informais de aprendizagem. Como elemento constituinte das

preferências musicais relativas aos significados inerentes, pode-se esperar que os indivíduos, portanto, dirijam a atenção e respondam tanto aos materiais da música, quanto às suas relações estruturais. Na dimensão dos materiais podem estar incluídas as seguintes características:

Valorização do som e sonoridades; descrição da fonte sonora (reconhecimento de timbres) e/ou os efeitos dos sons; associações entre os sons da música e outros sons; análise mais técnica dos materiais utilizados na música como, por exemplo, notas, intervalos, escalas, acordes e dinâmicas; comentários relativos ao aspecto mágico e transcendental dos sons. (GROSSI, 2007a, p.2)

Na dimensão das relações estruturais, os ouvintes podem:

Identificar e descrever mudanças e transformações; reconhecer repetição e contraste, tensão e repouso, normas e desvios que acontecem no tempo e/ou simultaneamente; fazer comentários sobre as diferenças entre os eventos, partes e/ou seções; reconhecer a forma e/ou a estrutura geral da música. (GROSSI, 2007a, p.2)

Segundo Green (1997, p.29), na audição de uma música, os ouvintes atribuem um ou outro delineamento a ela, e este é um elemento integrante na experiência auditiva; assim como nos significados inerentes, os ouvintes "constroem os significados delineados a partir do seu referencial a respeito do estilo em questão". Portanto, os aspectos inerentes e os delineados ocorrem na experiência musical, mesmo que os ouvintes não estejam conscientes deles. Não poderíamos, segundo a autora, perceber significados inerentes sem conceber simultaneamente um delineamento básico:

"o que ouvimos é um objeto cultural reconhecido - uma peça de música, um pronunciamento ou uma execução de algum

tipo. O inverso também existe, não poderíamos entender uma peça de música a não ser que estivéssemos também atribuindo algum significado inerente a ela" (GREEN, 2006, p.103).

A experiência musical voltada aos significados delineados vem acompanhada de diversos fatores simbólicos que tem relação direta com o contexto social em que foi produzida, distribuída e ouvida - "música, metaforicamente, delinea uma pletora de fatores simbólicos" (GREEN, 1997, p.29). As músicas dos artistas preferidos são ouvidas com atentividade, construindo e/ou permeando as relações afetivas, expressivas, corporais e contextuais, seja entre o ouvinte e a música, seja entre os indivíduos na cultura. Na dimensão expressiva, por exemplo, as pessoas: valorizam os sentimentos que identificam na música e/ou que são evocados por ela; podem fazer referências e/ou associações com situações do cotidiano, com objetos, eventos, lugares, memórias, personagens, quadros e filmes; em canções com letra, podem fazer comentários sobre a ideia e/ou mensagem do texto, dirigindo para questões pessoais ou mesmo culturais (GROSSI, 2007a, p.2). A dimensão contextual da vivência na música se volta ao contexto social e cultural dos músicos, suas músicas, suas identidades, usos e funções; os ouvintes podem comentar sobre o estilo, a época, as características de cada integrante da banda ou do artista preferido; podem reconhecer o(s) autor(es), o músico, cantor(a) e/ou grupo, contextualizando, por exemplo, suas produções em relação à música ouvida

e às outros tipos de música. Ouvir determinadas músicas, com caráter mais dançante, pode remeter a imagens da forma como o artista dança e cantar, de como articula e interpreta com o corpo; pode, como é bastante comum, fazer o ouvinte ouvir e dançar ao mesmo tempo.

Os significados delineados são construídos pelos indivíduos a partir de suas interações com a música na cultura. Ocorre quando há uma identificação com o sentimento expresso pela música, com seus valores ou contextos sociais, políticos e ideológicos. Partindo desta perspectiva, pode-se entender que "as reações à exposição à música por parte dos ouvintes, são relacionadas não somente a possíveis habilidades musicais deles, mas também e especialmente resultantes dos precedentes sociais e afiliações a uma variedade de diferentes grupos sociais" (GREEN, 1997, p.34). Ou seja, a resposta dos ouvintes à música não depende de alguma sensibilidade extraordinária, e menos ainda de seu envolvimento com práticas musicais formais, depende muito mais da apreciação, atentividade, envolvimento e identidade com a mesma. Na perspectiva da educação musical, para Green, a sala de aula é o lugar para 'celebrar' os significados delineados e intrassônicos.

Sobre o conteúdo emotivo, tão arraigado nas experiências musicais, Finnegan (2003, apud GROSSI, 2010) lembra que as emoções não são universais, mas formuladas diferentemente em tempos e lugares.

"Aprendemos como sentir e como evitar emoções específicas em formas e contextos apropriados à nossa situação"; sentimentos são considerados como "culturalmente mediados e como um componente modelado pela experiência" (FINNEGAN, 2003, p.183). Segundo a autora, tanto as respostas emotivas e/ou físicas não resultam necessariamente de imposições ou formas massificadas de reações psicológicas (geralmente conduzidas pelo texto ou letra), mas: (a) da vontade consciente de fazer emergir o prazer de responder fisicamente e expressivamente; (b) do entusiasmo por compartilhar sentimentos e narrativas em torno de um músico (ídolo); (c) da composição e execução consciente para trazer à tona as emoções da comunidade. Na perspectiva antropológica da emoção, Finnegan (2003) define música como fonte de recursos humanos no qual as pessoas podem agir nas próprias vidas, com intenso sentimento, pensamento e imaginação.

Na construção das preferências musicais, há uma relação íntima entre os significados inerentes e delineados, que trazem ao indivíduo um sentido mais amplo da música, que existe além dela própria enquanto objeto intrassônico. Segundo Deschênes (1998), a preferência musical do indivíduo não está necessariamente baseada nos aspectos de forma, de estética e dos materiais presentes na música, mas também no que a música representa para ele psicossocialmente e psicoculturalmente. Diante

deste fato surge a necessidade cada vez necessária de uma visão mais ampla do papel do professor e da consciência da complexidade envolvida na construção dos significados e das preferências musicais, das interações entre indivíduos, grupos sociais, suas práticas musicais e abrangência das mesmas (GREEN, 1997, p.35).

O estudo aqui tratado, objetiva contribuir com dados e reflexões para a educação musical acerca dos componentes que permeiam as preferências musicais dos indivíduos, as dimensões e significados das suas vivências na música e/ou com a música na cultura. O estudo das concepções e valores atribuídos aos diferentes tipos de MP por seus fãs pode contribuir na orientação músico pedagógica de forma a tornar a sala de aula um espaço mais aproximado da realidade das práticas musicais dos estudantes. Para tanto, o trabalho empírico foi cuidadoso na tentativa de buscar os ouvintes-fãs em seus locais de vivências musicais reais ou de seus ambientes cotidianos. Nos relatos dos entrevistados, em relação às suas preferências e rejeições, pode-se notar a estreita relação entre o que valorizavam na música, no ídolo (músico ou grupo de músicos) com as dimensões e significados das vivências musicais.

A pesquisa em questão

A metodologia seguiu as premissas do survey, utilizando questionários aplicados 'face à face', no formato de entrevistas com roteiro

estruturado (SZYMANSKI, 2004). A coleta, realizada em 2008, deu-se nos ambientes e locais próprios dos indivíduos participantes, como residência, rua do bairro que mora, instituição de estudo e local de trabalho. As etapas do estudo incluíram: uma contextualização quanto às categorias de música no contexto da MP (informações buscadas em lojas virtuais, blogs, iTunes, textos); estudo de literatura referente às temáticas do trabalho; elaboração e piloto dos instrumentos para coleta de dados; entrevistas buscando indivíduos com diferentes preferências musicais, faixas etárias e profissões, sendo o foco voltado para as vivências e concepções dos próprios fãs de cada tipo de música, incluindo ideias sobre o ensinar e aprender a música preferida³.

Orientações sobre categorização de tipos, estilos e gêneros de MP, foram buscadas nas ideias de Fabbri (1999, p.1). Para o autor, qualquer atividade com ou sobre sons precisa fazer referência à variedade, tipo, gênero e estilo da música, assim como seu campo, área e espaço que submete a ideia de: como é empregada determinada música; onde teve origem; quais os fatores que a formaram, em que campo e contexto. Isso tudo para tentar entender e/ou estar familiarizado com o cenário e

³ Embora a pesquisa em questão tenha sido divulgada em eventos científicos (como no XVII Congresso Nacional da ABEM, em São Paulo no ano de 2008, e no 15º Conferência Bianual da IASPM, em Liverpool, Inglaterra, 2009), nunca foi publicada na íntegra.

ambiente envolvidos no mundo da música. Para Fabbri (1999), devido à diversidade e grande quantidade de informações disponibilizada atualmente, é relevante buscar uma ordem a tantas variedades musicais; daí, surgirem os problemas relativo à forma como cada cultura organiza as músicas.

Gêneros e estilos de música são facilmente misturados em várias categorias utilizadas por diferentes especialistas e diferentes tradições. Segundo Fabbri (1999, p.7) cada um categoriza de acordo com suas tradições, valores e ideias taxonômicas. Portanto, não é possível encontrar uma única categoria de gêneros, ou um tipo de organização de gêneros e estilos que seja o único, comum e eficiente a todos os sistemas musicais e culturas do mundo. É complexa a tarefa de entender as concepções atadas às características que compõem os estilos e/ou gêneros⁴ de música e, só isso, demandaria um estudo particular. No entanto, a ideia inicial de tentar identificar as características atribuídas aos tipos de MP, nos mesmos meios e instrumentos utilizados pelos ouvintes (como endereços eletrônicos de música, blogs e revistas), não gerou os resultados esperados. Difícil encontrar consenso quanto à categorização dos tipos de música devido à diversidade de estilos dos músicos populares, quantidade de gêneros existentes e diferença de categorização das diferentes culturas das músicas em estilos.

4 Este é o motivo pelo qual este trabalho utiliza muito mais o termo 'tipo' do que 'estilo' ou 'gênero'.

Por exemplo, o Axé Music, nos sites pesquisados da internet, como MSN Music Brasil, Yahoo Música e Livraria Saraiva, o é classificado como Regional; por outro lado, aparece como categoria específica nos sites das Lojas Americanas e do Supermercado Extra; aparece uma vez dentro do gênero 'Música Brasileira' no site da Livraria Cultura; está inserida juntamente ao Samba e Pagode na Livraria Submarino; está na categoria Ritmo Brasil no site da Sonora. Em algumas rádios da internet, o Axé é uma categoria específica na Rádio Uol e Globo Rádio⁵. Na rádio do sitio do Terra aparece como um tipo específico e como Ritmo Brasil. O Instituto Axé Music, em seu site, classifica este tipo como 'subgênero musical do gênero popular que apresenta uma interface ampla de repertório musical e sem contornos precisos de estilo único, mas que é identificada fortemente pelos seus artistas e bandas, além de recursos de composição e interpretação'. O Instituto ainda complementa dizendo existir estilos musicais do Axé como Axé-pop, Axé-afro, Axé-caribenho, Axé-pagode, Axé-romântico, Samba-reggae. Silvio Essinger, no site Clique Music da UOL, diz que a Axé 'não é exatamente um gênero ou movimento musical, mas uma rotulação mercadológica muito útil para que uma série de artistas da cidade de Salvador, que faziam uma fusão de ritmos nordestinos, caribenhos e africanos com embalagem pop-rock, tomassem as paradas

⁵ Nesta rádio aparece como "Rádio Trio Elétrico".

de sucessos do Brasil inteiro a partir de 1992'. No blog da "Luluzinha do Axé", encontra-se a seguinte definição, dela própria enquanto fã: 'Axé é muito mais que um ritmo musical; na Bahia, dizer axé para alguém significa desejar-lhe boa sorte. Axé é uma energia positiva, que faz todas as coisas acontecerem e darem certo'.

O exemplo acima mostra a dificuldade de categorizar um estilo e/ou gênero na MP. Seguindo a premissa de Fabbri (1999), a classificação ou rótulo dado a certo tipo de música, não é criado por obscuras razões que só podem ser aplicadas e/ou utilizadas por músicos e profissionais da música; os termos são criados por e de acordo com o conteúdo próprio da música e seu conteúdo social - valor social e ideológico. Portanto, gêneros e estilos não se definem, uma vez que não dependem de acordos comuns feitos por experts no assunto, e sim, pelas várias formas em que são vivenciados, valorizados e definidos pelos fãs, ouvintes, músicos, teóricos, jornalistas, e outros. A investigação em questão, buscou então caracterizações junto aos próprios ouvintes respondentes.

O questionário utilizado na coleta de dados foi dividido em seis partes. A primeira buscou identificar cada indivíduo em termos de idade, sexo e profissão. A segunda parte, também com questões objetivas, buscou informações adicionais referentes à vivência musical (formal ou não) de identificação, sendo dividida em duas sessões - uma para o público da

Universidade de Brasília (maioria estudantes de cursos de graduação, incluindo música); outra para o público fora da universidade. A terceira parte, com questões objetivas e abertas objetivou conhecer a prática auditiva dos respondentes em relação à MP. A parte seguinte tratou das caracterizações do tipo de música preferido, dos fãs desse tipo, dos melhores e piores representantes do tipo musical preferido (solicitando justificativa para as escolhas). A quinta parte, buscou conhecer as concepções dos respondentes sobre a aprendizagem do tipo preferido e perfil do professor. A última parte explora as rejeições dos respondentes, em termos de estilo e caracterização dos fãs.

Das 61 pessoas entrevistadas, 21 eram estudantes da Universidade de Brasília, e por isso, identificados como público interno (PI); as outras 40 tinham diferentes idades, gêneros, profissões e preferências musicais - estas identificadas como público externo (PE). Foram 16 homens e 5 mulheres participantes do PI, sendo 15 estudantes do curso de graduação em música, 5 de outros cursos da UnB e uma funcionária da instituição. A idade do PI variou entre 17 e 49 anos. Foram 26 homens e 14 mulheres do PE, sendo 2 com curso superior, 10 com ensino médio, 2 cursando ensino profissionalizante e 1 no ensino fundamental; entre os demais, 7

eram donas de casa, 2 auxiliares administrativos e 16 profissionais de áreas diversas. A idade destes variou de 13 a 47 anos. A Tabela 1, abaixo, mostra a quantidade de homens e mulheres que responderam ao questionário, distribuída entre o público interno (PI) e o público externo (PE) - a maioria, 85%, foi constituída por pessoas do sexo masculino.

	PI.	P.E.	Total
Homens	16	26	42
Mulheres	5	14	19
Total	21	40	61

Tabela 1: Relação entre homens e mulheres respondentes

Dos 15 estudantes do curso de graduação em música da UnB que contribuíram nos dados, 9 cursavam a Licenciatura e 6 o Bacharelado. A maioria deles (7) estava no segundo semestre de curso; três estavam no terceiro, dois no quarto, dois no sexto e um no quinto. Todos os estudantes de música tinham mais de três anos de aprendizagem específica de música; 11 deles tocavam tanto repertório popular quanto da tradição europeia clássica. Os sete estudantes de outros cursos da UnB, participantes da coleta, se distribuíam em 7 diferentes cursos, incluindo Administração, Jornalismo e Física. Destes estudantes, dois tinham vivência com música na Escola de Choro de Brasília, e cinco com vivências em práticas musicais informais, como participação em coro de igreja e banda de amigos. Dos 39 respondentes de fora da UnB, dez cursavam o ensino médio, dois o

ensino técnico profissionalizante, e um o ensino fundamental; as profissões destes eram variadas, sendo sete 'do lar', dois auxiliares administrativos, e os demais, em quantidade unitária incluíram office boy, promotora de eventos, caixa de supermercado, professora do ensino fundamental, auxiliar de construção, cobrador de lotação, funcionário público, pintor, radialista e fotógrafo. Deste público externo (PI), 20 afirmaram ter alguma vivência com música, destacando: 2 estudaram na Escola de Música de Brasília; 12 se identificaram como autodidata na aprendizagem musical; 4 aprenderam algum instrumento na escola regular; 13 tiveram alguma experiência musical na igreja, seja cantando (7), seja tocando (6).

Vivência musical auditiva

A grande maioria dos participantes ouve música todo dia (51), o que demonstra a presença intensa da música no cotidiano das pessoas. As principais mídias usadas são rádio (30), TV (17), aparelho de som, como mp3, mp4 e celular (48), vídeo/DVD (21); 9 citaram outras mídias ou meios (Figura 1). Entre os lugares e/ou ambientes onde mais ouvem música (Figura 2), foram citados bares (12), casa de amigos (20), no trabalho (12), em casa (39), em festas (27), e outros locais (9).

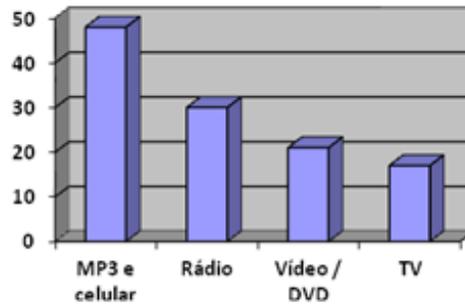


Figura 1: Mídias usadas na audição

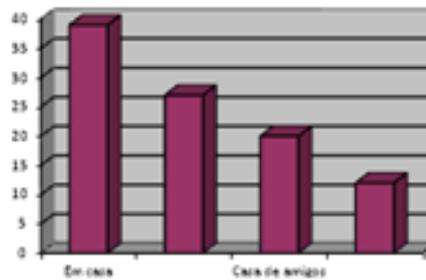


Figura 2: Locais da audição

Os motivos apresentados para ouvir música, ou em que situação prefeririam ouvir música, como mostra a Figura 3, incluíram: para relaxamento, tranquilidade, terapia (18); para acompanhar outras atividades (15); para animar (15); para lembrar e sentir (8); em momentos de lazer e divertimento (8); para distrair (6); para ocupar o tempo, passar o tempo (5); para refletir e pensar (5); para apreciar a própria música (5); para concentrar-se (3); em outras situações e/ou funções (5).

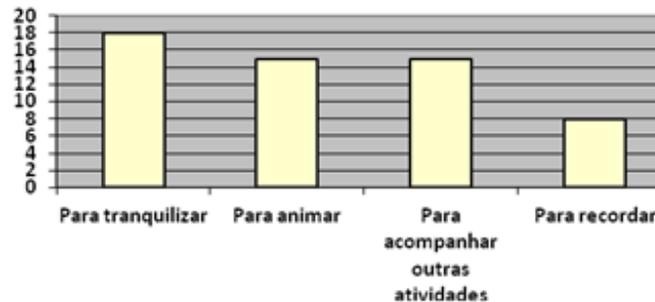


Figura 3: Situações para a escuta

Não foram dadas opções de respostas nas duas questões que buscaram conhecer os tipos de música que geralmente ouviam e os tipos que gostariam de ouvir no dia a dia; ou seja, foram perguntas abertas. Surgiu então uma diversidade de nomes, muitas vezes com subdivisões, como por exemplo 'música baiana' e 'axé', 'música religiosa', 'gospel' e 'música católica', 'música de programa de TV' e 'música tradicional', 'rock romântico', 'nacional' e 'pesado'. Tal resultado vai de acordo com o conceito de Fabbri (1999) quando afirma que gêneros e estilos de música são facilmente misturados em várias categorias, utilizadas por diferentes indivíduos, grupos e tradições; cada um nomeia, categoriza de acordo com suas tradições, valores e ideias, pelas várias formas com que são vivenciados, valorizados e definidos pelos ouvintes.

Quanto ao tipo de música que geralmente ouviam e que não necessariamente tinha relação com o gostar, diversos e diferentes estilos foram citados; a música popular brasileira (MPB) apareceu em primeiro

lugar (18), seguido do Rock (11), Sertanejo (11), o Forró, Gospel e o Hip Hop, com 10 referências para cada. Outras respostas incluíram jazz (8), axé pop e samba (6 referencias para cada), e funk (5). Vários outros tipos receberam pontuação entre 3 e 1, incluindo bossa nova, choro, eletrônica e black music. Nove dos quinze estudantes do Curso de Música citaram 'música clássica ou erudita', aparecendo novamente os mesmo nove na resposta relativa ao tipo que gostariam de ouvir no dia a dia. Em relação a que situações diárias ou momentos em que gostam de ouvir, as seguintes respostas foram obtidas⁶: 10 preferem ouvir de forma individual - algumas das justificativas apresentadas:

"Prefiro ouvir mais no fim de semana quando estou bem quieta. Porque gosto de observar, bem escutar. A música me relaxa, me acalma" / "Quando estou sozinho. Porque não tenho nada pra fazer vou escutar música." / "Principalmente quando estou só. Porque gosto de ouvir bem alto e sei que ninguém vai me incomodar" (PE, 14).

Quanto ao tipo de música que gostariam de ouvir no dia a dia, a MPB também aparece em primeiro lugar com 15 citações, seguido de rock (12), Sertanejo (11), Gospel e Hip Hop (8 referências em cada tipo), Pagode (7) e Forró (6). A Figura 3 mostra que há pouca divergência entre os mesmos tipos citados, na comparação entre aqueles ouvidos frequentemente e aqueles tipos que gostariam de ouvir frequentemente.

⁶ As categorias foram criadas para qualificar as repostas dos entrevistados, de forma a proporcionar uma visão da função da música e situação em que se ouve tal música.

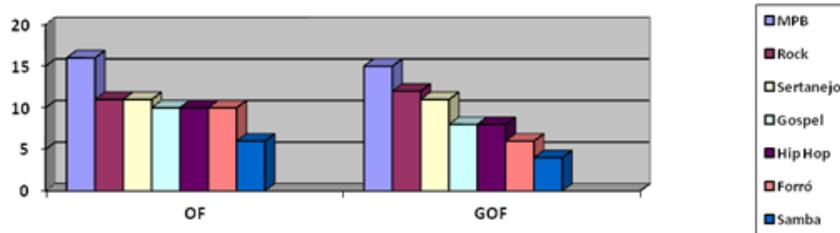


Figura 4: Comparação entre tipos que ouvem frequentemente (OF) e que gostaria de ouvir frequentemente (GOF)

Na primeira questão da quarta parte do questionário, foi solicitado aos respondentes, entre as opções dadas, que escolhessem um tipo de música, aquele que mais gostavam de ouvir na ocasião, aquele que realmente eram fãs e que poderiam dizer 'é o que mais me identifico atualmente'. O Quadro 2 mostra as opções dadas. A Parte 6 do questionário utiliza as mesmas opções para que a escolha do tipo de música que rejeitavam - "escolha aquele tipo de música que você atualmente não gosta de ouvir, aquele que realmente não é e nem seria fã, aquele que poderia dizer: é o que não me identifico". Nesta questão, cada um poderia fazer duas escolhas entre as opções dadas.

<input type="checkbox"/> Funk	<input type="checkbox"/> Samba	<input type="checkbox"/> Pagode	<input type="checkbox"/> Rock
<input type="checkbox"/> Reggae	<input type="checkbox"/> Bossa-nova	<input type="checkbox"/> Jovem Guarda	<input type="checkbox"/> Sertanejo
<input type="checkbox"/> Rap / Hip Hop	<input type="checkbox"/> Baião/Xote	<input type="checkbox"/> Gospel	<input type="checkbox"/> Choro
<input type="checkbox"/> Eletrônica	<input type="checkbox"/> MPB	<input type="checkbox"/> Música Baiana	
<input type="checkbox"/> Outro (escrever qual):			

Quadro 1: Opções dadas para a escolha do tipo de música preferido

O rock foi o estilo mais citado na preferência dos respondentes - 14 citações. Depois seguiram: o rap e/ou hip hop com 11 fãs, a MPB com 10 preferências, sertanejo com 5, samba com 3, funk com 4, gospel com 7, música católica com 3, jovem guarda e pagode com 2 citações cada, música baiana, instrumental e clássica com 1 citação cada. Dos nove estudantes do curso superior de música, que colocaram a 'música clássica ou erudita' como aquela que gostariam de ouvir frequentemente, somente um citou este tipo como o preferido. Um aspecto inicial que emergiu destes dados mostrou que nem sempre o que os respondentes geralmente ouviam e/ou gostavam de ouvir, coincidia com o que preferiam; a Figura 5 apresenta esta comparação. Por exemplo, um entrevistado disse que o que geralmente ouvia, eram as músicas que o filho ouvia alto em casa: "Raul Seixas, MPB e Jazz, Instrumental e música católica" (o filho colaborou na entrevista nomeando alguns dos estilos que o pai não sabia citar), mas o ele, o pai gostava mesmo e preferia era 'música de Igreja' (falando ser fã do Padre Marcelo Rossi e Anjos de Resgate).

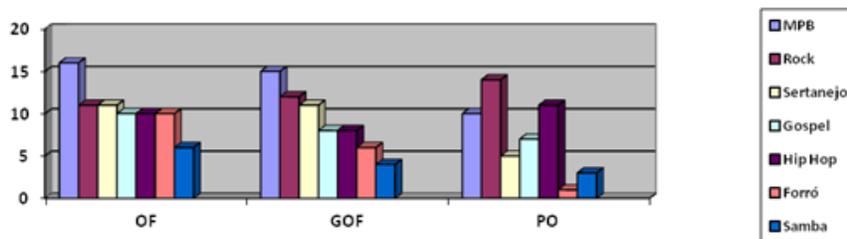


Figura 5: Tipos de música que ouviam frequentemente (OF), gostariam de ouvir frequentemente (GOF) e preferiam ouvir (PO)

Nas questões referentes às preferências dos entrevistados, a Parte 4 do questionário buscou as informações que incluíram: o que tinha de interessante no tipo preferido; o que valorizavam; como eram os fãs daquele tipo de música, que ambientes e/ou lugares frequentavam; quem melhor e pior representavam o estilo preferido. Quanto às rejeições (Parte 6), foram solicitados: os tipos de música que rejeitam; os motivos da rejeição: como seriam os lugares ou ambientes onde seria tocado o tipo rejeitado. A Tabela 2 apresenta a quantidade de citações dos respondentes quanto aos estilos preferidos e respectivamente rejeitados; já a Figura 6 mostra as preferências e rejeições em gráfico.

	Prefere	Rejeita
Rock	14	08
Rap/Hip-Hop	11	07
MPB	10	02
Gospel	07	08
Sertanejo	05	07
Funk	04	20
Samba	03	03
Jovem Guarda	02	01
Pagode	02	07
Bossa-nova	01	04
Música Baiana	01	09
Heavy metal / rock pesado	00	09
Reggae	00	05
Baião/Xote	00	01
Eletrônica	00	02

Tabela 2: Preferências e rejeições

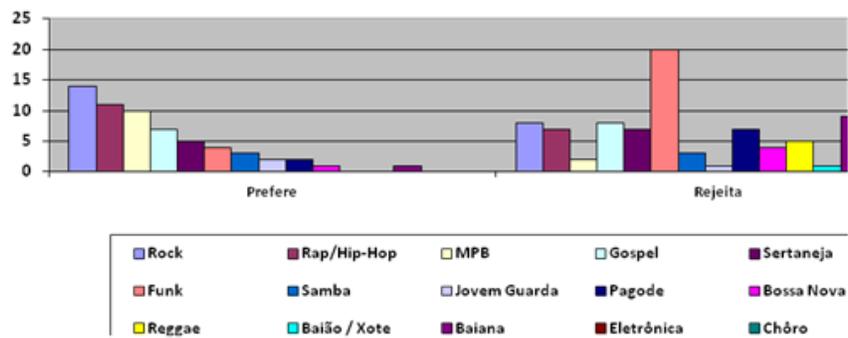


Figura 6: Preferências e rejeições

Abaixo, serão apresentados os principais aspectos trazidos pelos respondentes na Parte 4 e 6 questionário, em relação a três estilos citados como preferidos: rock, MPB e música sertaneja. Além de serem diferenciados pelos respondentes, eles trazem concepções e caracterizações similares aos demais tipos preferidos de música: valor pessoal, afetivo; resposta aos materiais sonoros (especialmente volume e timbre) e delineamentos, incluindo contextualizações. Para cada estilo preferido, os participantes falam também o que melhor e o que pior identificam (seja cantor, cantora, compositor, banda, músicas). Como rock, MPB e sertanejo foram também rejeitados por outros participantes, os motivos para tal são também incluídos na descrição. O heavy metal (incluído também o 'rock pesado') foi um estilo rejeitado, não tendo nenhuma citação na preferência; portanto, este será também trazido na descrição.

As preferências e rejeições na perspectiva dos fãs

Rock

O que tem de interessante: A letra que influencia a pensar em coisas voltadas para o que acontece no país.; o swing; a batida simples que dá para acompanhar; acessibilidade; peso e agressividade; é mais do que melodia - tem ritmo; "no rock se faz o que manda o bom, não há regras tão ortodoxas, é estilo livre"; tem experimentação musical; guitarra

distorcida, bateria pesada e forte; tem muitas vertentes e variedade de estilos; riqueza dos timbres e sons; a 'pancada' que cada estilo tem; as vozes marcantes.

O que é valorizado: "mais aproximado às pessoas, especialmente no Distrito Federal que é a 'capital do rock' - a gente cresce escutando Legião Urbana e acaba fazendo a cabeça da gente"; agressividade e som pesado; traz lembranças; "escuto desde a infância; cresci ouvindo"; influência na adolescência; música visceral; parte da história de vida; o instrumental é atrativo; identificação com o instrumental; ritmo é mais descontraído, mais alegre; o 'toque' da guitarra; músicas falam do cotidiano; rock é a 'voz do mundo'.

Quem melhor representa: "Legião Urbana e Capital Inicial, porque marcam a adolescência de muitas pessoas"; "Metal: Slayer, Pantera, Megadeth, Never More"; "Led Zeppelin porque começaram numa época que não tinha tantas bandas, são precursores"; "Queen, porque sabiam fazer música de verdade, pois eles tem aparência de roqueiro, som agressivo e guitarra bem distorcida"; "Raul Seixas: som crítico da sociedade, do sistema"; "Pink Floyd: os que mais revolucionaram"; "The Beatles: foram os primeiros que levantaram a bandeira do rock de verdade; " Mutantes e Secos e Molhados"; "Renato Russo e Herbert Viana, porque fizeram parte da minha história, as letras deles fizeram história, teve uma repercussão

longa"; "AC/DC, porque sabiam apresentar os shows"; "Charlie Brown Jr.: fala a filosofia de vida dele, como ele foi/era e onde ele chegou".

Quem pior representa: "o artista que se profissionaliza em um estilo, por exemplo o reggae, e no auge da carreira muda para o rock - é horrível"; "new metal: System of a Down, Korn, Linkin Park: porque são metal com hip-hop e música eletrônica - muito comerciais"; "Emo-Core: porque a estética deles contraria o que sempre foi preconizado no Rock"; "Jota Quest: por causa dos clipes, da pose, da aparência dos caras"; "o Glam Rock: os caras maquiavam-se, tinham um som agressivo porém falavam de coisas submissas e um romance fraco. Tinham voz fina"; "Straik, Night Twiste, Link Parker: porque tentam imitar os anteriores deles e não conseguem"; "Nirvana e Kiss: porque misturam o espiritual negativo muito explícito na música"; "Korn e System of a Down? porque é só barulho, irrita, estressa"; "Pitty: ela tem um estilo meio 'tosco', as músicas dela falam quase sempre de morto."

Como são os fãs: os fãs gostam de reivindicar coisas; tem 'mente aberta': pessoas que tem opinião; usam roupa específica do estilo, da banda; falta atitude; todo tipo de pessoa, "desde adolescentes que tentam se afirmar até pessoas maduras, que viveram nos anos 70, que são saudosistas"; são fãs absolutos. Fiéis; pessoas de bom gosto; pessoas com afinidade cultural; pessoas mais cultas, críticas e que refletem sobre a

vida; pessoas mais velhas que já passaram dos 40, 30 anos; pessoas que buscam a liberdade - "este é bem o perfil de quem gosta de rock"; pessoas mais descontraídas; procuram com o rock expressar pensamentos e atitudes; usam cabelo grande, piercing, corrente, tênis All Star, calças 'estilosas'; pessoas normais e rebeldes.

Ambientes e lugares: lugares abertos, com palco; bares, shows e festivais; ambiente "totalmente informal"; estádios; espaços underground; casas noturnas, pubs; discotecas dos anos 80; casa de espetáculos; shows em ginásios; lugares fechados; porões do rock; parques, barzinhos com músicas ao vivo, shows com as próprias bandas; bandas na rua.

Motivos da rejeição: "É muito desorganizado, muita falta de educação musical - são os revoltados da música, tanto que o Nirvana até quebrava as guitarra"; "não gosto do estilo das pessoas, andam de preto, a música é só barulho, não se entende nada, é diabólico, muito louco, não estão nem aí pra vida"; "as pessoas que curtem este estilo são pra baixo e só andam de preto"; "é muito maluco, muita pancadaria no show e muita maconha"; "é muito pesado, tem palavras demoníacas, o ritmo não me embala e não mexe comigo nem uma pouco"; "as pessoas se drogam, algumas até cheiram cocaína para tocar, não passam nada de bom, se vestem muito mal, com roupas rasgadas, argolas, piercings, tatuagens e outras coisas esquisitas"; "gritaria, música sem conteúdo, as pessoas que

ouvem esse tipo de música são limitadas intelectualmente (acho que chega a ser preconceito da minha parte)"; os termos que usam e a mensagem do rock é sempre muito pesado, descontentamento, apologia às drogas, ao álcool"; "tem ritmo parado".

MPB

O que tem de interessante: idioma musical; mistura; revela a identidade do brasileiro; é mais elaborado, mais refinado; a letra e o swing; diversidade; tantos estilos diferentes ela têm; tantos estilos de cantar diferentes os cantores têm; grupos instrumentais diferentes; temáticas diferentes, por exemplo, questões sociais escondidas dentro de letras poéticas; letras com as quais se identificam intelectualmente; conta nossa história; é o retrato do país de histórias de amor, de "cornice", de lutas, de revoltas políticas; o arranjo musical; a melodia; tem riqueza musical e ao mesmo tempo é simples; é o que mais agrada ao ouvido; alguns fãs ouvem desde quando eram pequenos; a música é boa e bonita.

O que é valorizado: o swing, a diversidade rítmica, a linguagem que é brasileira (samba, forró, choro, maracatu), o sincretismo que nos faz apreciar tanto no estilo em si, quanto na mistura; o ritmo, que caracteriza o brasileiro, e as letras, que têm sátiras e chamam a atenção; o fazer parte da raiz da música brasileira; a elaboração, o refinamento e o trazer sempre mudanças; a diversidade, os estilos diferentes, os diferentes estilos de

cantar, os grupos instrumentais diferentes, as temáticas diferentes; a sonoridade; contar nossa história; retratar o país; os artistas cantam muito bonito, são animados, conversam com o público, tem uma relação mais íntima com o fã, com o público; ser um estilo calmo; os acordes musicais e a musicalidade; a abordagem romântica; as letras de cunho crítico-social.

Quem melhor representa: "Chico César, Chico Buarque, Elis Regina, João Bosco, Lenine: porque utilizam tanto da mistura dos estilos como de um estilo em específico, são músicos de qualidade, fazem bem"; "Tom Jobim e Chico Buarque: porque foram os pioneiros da música brasileira"; "no choro é Pixinguinha: porque além de ser muito importante para o choro, possui uma obra muito vasta, densa e complexa; na bossa-nova é Tom Jobim e Vinícius, porque começaram algo novo e tiveram maior repercussão"; "Djavan, pelos acordes dissonantes"; "Os Mutantes: porque representaram a contestação, rebeldia e o espírito da época e da MPB"; "Elis Regina. Porque ela canta com as 'tripas', e Chico Buarque por causa da metalinguagem - denunciava sem dizer explicitamente"; "Ana Carolina porque é muito culta, elegante quando está cantando, tem a voz bonita; Djavan porque canta muito bem, a letra traz paz; Luciana Melo porque é muito doída, canta demais"; "Pedro Mariano porque as músicas dele têm todas as características da MPB".

Quem pior representa: "Ana Carolina porque é exagerada no vocal, descaracteriza as músicas que pega para fazer uma nova versão, é monotemática, sem criatividade, encadeamentos redundantes"; "pessoas que tentam copiar os grandes nomes da música e não conseguem"; "Maria Rita porque não tem força, não tem expressão, as músicas são previsíveis"; "o funk deixou a MPB 'mal na fita', usam coisas muito pejorativas"; "Daniela Mercury porque a voz é muito enjoada e ela é muito escandalosa; Roberto Carlos porque a voz é muito anasalada"; "Roberto Carlos porque é diferente, não tem nada a ver com a MPB; MPB para mim é violão".

Como são os fãs: são diversificadas quanto ao próprio estilo; alegres, variadas, não possui um tipo específico; possuem um gosto mais apurado, gostam de coisas mais refinadas e mais trabalhadas; são pessoas cultas; gostam muito de outros estilos, estilos variados de música - música em geral; se não tocam instrumento tentam compreender a música como músico; pessoas inteligentes; gostam de coisas boas; são elegantes, cultas e inteligentes; gostam de escrever; gostam de escrever alguma coisa enquanto escuta a música; geralmente são choronas, sentimentais; são pessoas loucas por música, quando falam em música, os olhos brilham; pessoas de bom gosto.

Ambientes e lugares: lugares abertos, com palco; bares, shows e festivais; ambiente "totalmente informal"; estádios; espaços underground;

casas noturnas, pubs; discotecas dos anos 80; casa de espetáculos; shows em ginásios; lugares fechados; porões do rock; parques, barzinhos com músicas ao vivo, shows com as próprias bandas; bandas na rua.

Motivos de rejeição: a música é lenta, parece que o cantor está chorando quando canta; não suporto escutar, não aguento.

Música Sertaneja

O que tem de interessante: parece fazer parte do cotidiano de quem mora em Goiás; marca fases da vida de quem a ouve fundamentando as "raízes" que são lembradas ao escutar; ajuda a pensar, a decidir coisas principalmente sobre relacionamento.

O que é valorizado: música simples e emocional, contagiante; fácil de identificar com o cotidiano; traz muitas lembranças da vida; a música marca vários momentos; a coisa "matuta"; o tipo de vida; o tipo de letra; o ritmo, por ser lento, faz ficar refletindo; a letra é bem cantada e trabalhada; a lembrança do passado, das namoradas; a transmissão de algo bom; o ouvir desde criança; o ter marcado as várias fases de uma vida; as lembranças.

Quem melhor representa: "Zezé di Camargo e Luciano, Rick e Renner, Chitãozinho e Xororó, Leonardo: porque representam o nosso Brasil, o Brasil é bem sertanejo"; "César Menotti, Chico Rei e Paraná, Di

Paulo e Paulino: porque vem de muito tempo, não são iguais àqueles que fazem sucesso agora e desaparecem"; "Bruno e Marrone porque cantam falando das coisas que acontecem no dia-a-dia, só que através da música e de uma forma bonita"; "Victor e Léo porque tem uma música muito bonita; Leandro e Leonardo pela história de vida deles, pois sofreram muito no começo; Daniel que traz muita simpatia, tem um sorriso alegre e traz alegria".

Quem pior representa: "Cantores de outros estilos que tentam regravar alguma música sertaneja, mas tiram toda a característica sertaneja"; "Zezé di Camargo e Luciano, Daniel, Leonardo, Edson e Hudson: porque se dizem sertanejos, mas fazem música romântica"; "Chico Rei e Paraná, João Paulo e Daniel, Zezé di Camargo e Luciano: porque são bregas, já passaram do tempo"; "Cantores de bar que tocam sertanejo só usando tecladinho improvisado".

Como são os fãs: público em geral, pessoas que frequentam festas agropecuárias; vários tipos; pessoas que gostam de sair a noite, de "curtir um som com a galera"; "um bando de matuto (do mato), que gosta das coisas da roça"; "acabou esse negócio de chapéu, fivela, bota e roupa social, agora é se vestir com roupa de playboy e jogar um chapéu de caubói na cabeça"; são pessoas que "se vestem normal mas sempre

escutando um sertanejo seja no carro ou no local onde está"; "são pessoas especiais; algumas usam roupa colada".

Ambientes e lugares: festa agropecuária e shows; barzinhos "como o Barril 66, Oásis, Bola na Rede"; rádios, shows de rodeio.

Motivos de rejeição: as terças sobrepostas são muito enjoativas; é brega; é muito repetitivo e alienante; "dá dor de cabeça"; "não faz a minha cabeça"; parece um boteco; "as vozes masculinas são muito agudas".

Rejeição: Rock pesado / Heavy Metal

Motivos: "Porque é muito agressivo. Não combina comigo. Samba e heavy metal não combinam, são opostos"; "porque atrai uma energia negativa, parece que está invocando algo maligno"; "por causa do negativo que eles passam, ninguém entende nada"; "é uma adrenalina esquisita, a droga rola solta, não é coisa de Deus não"; "é só barulho, um bando de doidos, só cultuam o negativo; não entendo nada e nem quero entender"; "porque não entendo nada das letras, nada das melodias; as roupas são ridículas, o cabelo, a maquiagem; são muito fechados"; "fala muito em demônio, só sabe falar em capeta, não entendo a letra, não tem lógica, só leva o povo pro mal caminho"; "a letra não entendo nada, só é barulho"; "não vejo fundamento nenhum em ouvir estas músicas"; "muito barulho, é negativo, só cultuam o mal".

Descrição dos lugares e ambientes: "Um ambiente sufocante"; "um ambiente pesado onde normalmente todos estão de preto, com coisas que lembram a morte, demônios e usam muita droga"; "um ambiente pesado, de energias negativas"; "lugares fechados, shows - tudo muito sombrio, escuro, cheio de drogas"; "nas festas de Rock, Porão do Rock: as pessoas vestem preto, usam aquelas maquiagens, drogas, é muito paia; eu tenho medo deles"; "porões escuros, drogas 24h, gente com piercing no nariz, pulseiras de espinho, etc."; "lugares feios e escuros, cheios de gente mal vestida onde rola muita droga e sacanagem; inclusive o público é induzido pelos cantores que também usam"; "pessoas nervosas, de preto, lugares bem fechados, e são fanáticos, não gostam de nenhum outro tipo de música"; "shows de roqueiro, num palco montado em um espaço aberto pra eles se debaterem, ficarem batendo suas cabeças lá".

Aprendendo o tipo preferido

A Parte 5 do questionário, por meio de questões abertas, buscou explorar a questão da aprendizagem do tipo de música preferido, em situação de sala de aula; entre as perguntas estavam: o que gostariam de aprender caso decidissem estudar o tipo preferido de música; com que gostariam de aprender; como gostariam que fosse a aula. Sobre as músicas que gostaria de aprender, com quem e como gostariam que fossem as aulas, as informações obtidas dos entrevistados do PI mostram que

gostariam de aprender a tocar as músicas que realmente gostam de ouvir e que representam seus estilos preferidos. Algumas o repertório que gostariam de aprender nas aulas, os respondentes falam que gostariam de aprender a tocar as músicas que, segundo eles, melhor representam o estilo. É possível verificar também que os fãs relacionam suas preferências musicais e, predominantemente questões de identidade e significação musical, com o que pensam sobre o ensino e aprendizagem de música. Abaixo, dois exemplos de estilos preferidos e as respectivas respostas.

Hip Hop /Rap

Porque gosta: "Deixa o cara inspirado, dá vontade de dançar; no carro, fica estiloso; dá vontade de pegar mulher, beijar na boca"; "porque é a música das ruas, gosto da batida das músicas"; "porque fala a realidade na maioria das vezes"; "porque é uma música que me motiva a fazer exercícios físicos, gosto de escutar quando tô estudando também; é um estilo de música que eu amo".

O que gostaria de aprender: "A dançar". "aprender a tocar em pickup; já cheguei a fazer um curso mas queria me especializar"; "a cantar e dançar: porque são duas coisas que eu sei um pouco e gosto de fazer muito".

Que professor: "Lilou do campeonato de dança Red Bull BC One, porque é o melhor do mundo, ganhou o campeonato"; "qualquer

profissional, sendo um professor muito bom, está bom"; "KL Jay dos Racionais, porque ele é muito bom"; "para dançar, com Osher, porque ele é um dos, senão o melhor dançarino dos Estados Unidos; para cantar, com Beyoncé, porque sou muito fã dela, é muito bonita e tem uma linda voz".

Qual repertório: "A música de entrada do filme 'Entre nessa dança', a primeira música"; "My love do Justin Timberlake"; "Só o pó do Edi Rock, ele é dos racionais"; "gostaria de dançar Wall to wall (Cris Brown); para cantar, qualquer música boa de hip hop".

Como seriam as aulas: "animadas; que me ensinasse os passos certos; com muita música de hip hop; que me ensinasse no estilo da música"; "práticas e objetivas"; "o cara te falando e tocando ao mesmo tempo numa apresentação; nós dois controlando ao mesmo tempo"; "dança: queria que o Osher começasse pelo início ensinado os passos e principalmente o gingado e as quebradas do robozinho; cantar: Só eu e a Beyoncé, que ela começasse pela teoria e depois pela prática".

Música sertaneja

Porque gosta: "porque marcou várias fases da minha vida"; "por causa das raízes, me atrai, chama a atenção".

O que gostaria de aprender: "tocar violão e sanfona"; "tocar viola, cantar e dançar".

Que professor: "poderia ser meu tio, que toca violão e é deficiente visual; ele aprendeu a tocar sozinho, gosto muito do jeito que ele toca; tocar sanfona poderia ser com meu avô que era um sanfoneiro maravilhoso"; "com um violeiro lá do meio do mato; porque não é essa coisa mecânica que todo professor ensina; todos os professores têm um método muito parecido de ensinar".

Qual repertório: "no violão queria aprender a tocar música católica; na sanfona Asa Branca"; "pagode de Brasília."

Como seriam as aulas: "numa escola de música onde o professor fosse divertido e atencioso juntamente com uma turma de colegas bons"; "gostaria que fosse com um professor que me ensinasse me fazendo rir; queria aprender sem esforço e rindo, um professor engraçado."

Considerações acerca dos resultados

Quanto à categorização de estilos e gosto musical dos fãs, os dados apontam para valores e características de ordem pessoal - o indivíduo se apropria da música ou estilo musical, considerando-o como sendo seu ou parte de si. Abordagens da música popular (MP) em sala de aula deveriam ter isso em mente. Em alguns estilos, como o funk, quase nenhuma consideração é feita sobre os materiais, estruturas e expressão sonora; muito é dito sobre a corporalidade e contextos sócio culturais. Tais delineamentos são marcantes na experiência dos ouvintes, fãs do

funk e, portanto, deveriam ser componentes relevantes na abordagem na aprendizagem desse tipo de música em questão. Mesmo para uma classe com rejeição ao estilo (seja por razões de ordem valorativa, seja por razões de ordem intrassônicas), dever-se-ia ter em conta que são os delineamentos de conteúdo social e cultural que fundamentam os componentes da preferência dos fãs de funk. Trazendo a perspectiva de Green (1997; 2006), também defendida neste trabalho, 'celebrar' a música (o funk) é não somente considerar que é parte integrante da experiência social e/ou cultural de um grupo específico, como também trazer à luz os componentes inerentes da música funk. Em síntese, abordar um tipo específico de música em sala de aula, por via dos significados inerentes, em estilos que são valorizados (e mesmo rejeitados) por seus delineamentos culturais, é ineficaz.

Na análise dos dados, foram encontradas similaridades entre os diferentes fãs de um mesmo tipo de música, em relação ao que entendem, valorizam e vivenciam; por exemplo, na música sertaneja falam dos instrumentos, da simplicidade, e das situações do cotidiano tratadas nas letras. Este aspecto só reforça a premissa que outros educadores musicais (orientados na perspectiva sociológica e antropológica) apontam, ou seja, é preciso valorizar os componentes das práticas musicais da cultura de

cada tipo de música; cada uma se constitui em universos próprios conceituais, musicais e sociais. Como diz Blacking,

"o poder comunicativo da música em uma sociedade deriva não somente das formas com que é utilizada para mediar a convenção cultural com a liberdade individual, mas também dos meios com que uma criação intensamente pessoal se torna propriedade pública". (BLACKING, 1987, pp.34),

O autor lembra que são as pessoas que inventam e transmitem as convenções culturais e são elas que conferem significado, valor e sentido à música através das práticas coletivas na cultura. São as convenções que capacitam as pessoas "a tornarem-se membros de uma sociedade tanto no relacionamento entre eles, quanto para transcenderem a situação de seres individualizados" (BLACKING, 1987, p.35).

Alguns entrevistados falam da vontade de ter um 'um professor bom', que ensine bem; não aquele que seja necessariamente o maior expoente do estilo ou o mais capacitado segundo opinião pessoal. Interessante notar também que para o público fã do Rap / Hip Hop, a dança tem um significado muito grande e é o que a maioria gostaria de aprender, e com os melhores dançarinos do estilo. Fica aqui a sugestão para uma aula de ou sobre hip hop: não só ouvir, falar e cantar, mas também, dançar!

Como ressaltam muitos autores, trazer a música que tem significado para o estudante para a sala de aula é fundamental, pois todos carregam consigo uma experiência musical que envolve fortemente a preferência, o

gosto e o conhecimento resultado de prática com determinado estilo. Vê-se nas respostas dos entrevistados, que muitos deles, principalmente aqueles do grupo de fora da UnB (PE), gostariam de aprender músicas que eles gostam. Acerca das aulas que gostariam de ter, muitos deles trazem a perspectiva de uma aula diferente do convencional. Analisando as respostas, pode-se entender que para a maioria deles a figura do professor é colocada como um facilitador da aprendizagem; alguém que aproxime a música do aprendiz, de forma que ela não perca sua beleza e riqueza, e que seja capaz de mantê-la interessante, do jeito que gostam.

A análise dos dados demonstra que a construção de um repertório de MP potencial ao ensino e aprendizagem de música, exige um esforço maior em relação à atenção que é dirigida à preferência musical do aprendiz e sua identidade musical. Na maioria das vezes o repertório indicado pelos participantes é um repertório carregado de significado, que reflete suas identidades, valores pessoais, funcionando como instrumento de interação e localização social. Como afirma Deschênes (1998), a preferência musical de uma pessoa está baseada em sua identificação com representações sociais e culturais específicas, crenças e valores que identifica como sendo os seus próprios.

Analisando mais especificamente os dois públicos entrevistados, observa-se que o repertório selecionado pelo PE, é composto por músicas

que na sua maioria é carregada de significados delineados. São músicas que de alguma forma fazem parte da vida e da trajetória deles e representam mais que apenas a própria música (elementos intra-sônicos), o que demonstra que a preferência musical do indivíduo não é necessariamente baseada nos aspectos de forma, estética e dos elementos intrínsecos da música, mas mais especificamente no que a música representa para ele socialmente e culturalmente. A maioria dos entrevistados diz que gostaria de ter aula com os artistas que admira; querem aprender as músicas de sua preferência.

Os participantes do PI (alunos de graduação da UnB) trazem à tona a valorização da dimensão dos materiais em detrimento a outras dimensões como expressão e valor, especialmente os estudantes do curso de música. Na maioria das vezes querem aprender músicas que os ajudem a tocar bem e desenvolver a técnica do instrumento. Todos, sem exceção, gostariam de aprender a tocar, cantar, improvisar ou compor com artistas que eles admira por acreditar que eles dominam a 'técnica do instrumento'.

Ao se observar as informações sobre os gostos dos entrevistados e os motivos pelos quais os gostos são por eles justificados, pode-se concluir que na maioria dos casos as preferências musicais estão intrinsecamente relacionadas, novamente, com a identidade de cada um. Observando, ao mesmo tempo, a resposta deles em relação ao que

gostariam de aprender, com quem e como, vê-se a necessidade de que o professor de música construa um ambiente de ensino e aprendizagem dialógico e interativo, com valorização de cada um e suas preferências e conhecimentos. Para as classes que tratam da audição, este é um campo potencial para aprendizagem musical e para pensar a música por suas variadas perspectivas. O professor deve estar não somente aberto ao universo musical do estudantes, mas fazer uso dele e, na medida do possível, ampliar também a compreensão do aluno acerca das linguagens musicais e de seus delineamentos culturais.

Associações com os significados delineados aparecem de forma notória nas respostas dos entrevistados. Nas suas falas, nas razões que apresentam por preferirem determinado tipo de música, a maioria aponta para: 'faz parte da minha história', 'lembra uma fase da vida', 'é a realidade em que inserido', 'anima', 'revela a identidade do brasileiro, tem muita diversidade'. É interessante notar que em boa parte das respostas, os respondentes não fazem referência aos materiais da música, mas os colocam juntamente com os delineados numa descrição conjunta onde um existe com o outro. A experiência musical deles advém da relação entre os significados delineados e inerentes. Na vivência e na mente do ouvinte, um existe a partir do outro ou mesmo fica difícil encontrar distinções de um e de outro. Segundo Green (1997, p.29), "o ponto de distinção,

entre os dois tipos de significado, é que embora interdependentes cada um afeta diferentemente a formação do grupo social em torno da música, impingindo-se sobre a experiência musical". É claro que podem existir respostas tendenciosas a um ou a outro significado, ou pessoas que aceitam certo aspecto da música, e detestam outro, ou não suportam um determinado estilo, as próprias músicas e/ou o jeito, perfil dos fãs ou do grupo/cantor.

"Atitudes tendenciosas a respeito de um dos aspectos do significado musical pode suplantar e influenciar nossas atitudes em relação ao outro. É nesta área de interação entre os significados inerentes e delineados, que surgem os maiores desafios à Educação Musical" (Green, 1997, p. 32).

Trabalhar com a diversidade de valores e significados em sala de aula requer esforço, habilidade e conhecimentos do professor para transpor tais barreiras. Um bom passo é exatamente a compreensão do processo de formação dos estilos e a complexidade musical das práticas auditivas em que estão imersos os estudantes.

Referências

- ARROYO, Margarete. Adolescente e música popular: qual modelo de escola abrigaria essa relação de conhecimento e autoconhecimento? Anais do XIV Encontro Anual da ABEM. Belo Horizonte: UEMG, p.1-7, 2005.
- _____. Mundos musicais locais e educação musical. Em Pauta, v.13, n.20, p.95-121, 2002.
- BLACKING, John. A Commonsense View of all Music. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1987.

- CAVICCHI, Daniel. The Musicality of Listening. PopTalk (Experience Music Project online list).
 Posted April 18, 2003. Disponível em: <
<http://risd.academia.edu/DanielCavicchi/Papers>> Acesso: 16 de abril
 de 2012.
- _____. Tramps like us - music & meaning among Springsteen fans. New
 York, Oxford: Oxford
 University Press, 1998.
- DESCHÊNES, Bruno. Toward an anthropology of music listening.
 International Review of the
 Aesthetics and Sociology of Music, v.29, n.2, p.135-153, 1998.
- FABBRI, Franco. Browsing Music Spaces: categories and the musical
 mind. 1999. Disponível
 em: <<http://tagg.org/others/ffabbri9907.html>>. Acesso em 29-ago-
 06.
- _____. A Theory of Musical Genres: two Applications. Popular Music
 Perspectives, D. HORNS, D.
 and TAGG, P. (Ed.). Göteborg and Exeter: International Association
 for the Study of Popular
 Music, p. 52-63, 1981.
- FINNEGAN, Ruth. Music, experience, and the anthropology of emotion.
 In The cultural study of
 music - a critical introduction, CLAYTON, M., HERBERT, T.,
 MIDDLETON, R. (Ed.).
 New York and London: Routledge, p.181-192, 2003.
- GREEN, Lucy. Popular music education in and for itself, and for 'other'
 music: current research in
 the classroom. International Journal of Music Education, vol.24, n.2,
 p.101-118, 2006.
- _____. Pesquisa em Sociologia da Educação Musical. Revista da ABEM,
 n.4, Porto Alegre, p.25-35,
 1997.
- GROSSI, Cristina. Música popular na educação superior: refletindo sobre a
 relação entre estudantes e
 'suas' músicas. Anais do XX Congresso da Associação Nacional de
 Pesquisa e Pós-
 Graduação em Música - Florianópolis: UDESC, p.304-308, 2010.

- _____. Dimensões da experiência musical na audição da música popular. Anais do I Congreso Latinoamericano de Formación Académica em Música Popular (CD de Ponencias). Córdoba (Argentina): Universidade Nacional de Villa María, p.1-13, 2007a.
- _____. Educação Musical e o Ensino da Música Popular - considerações sobre os significados advindos das práticas musicais na perspectiva de Lucy Green. Anais do 5º Simpósio sobre o Ensino Musical e VII Encontro Regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Educação Musical - Cuiabá, UFMG, 2007b.
- _____. Categorias de respostas na audição da música popular e suas implicações para a percepção musical. Anais do 7º Simpósio Paranaense de Educação Musical, Londrina: UEL, p.37-64, 2000.
- HARGREAVES, David. The developmental psychology of music. Cambridge, Cambridge University Press, p.105, 1992.
- SZYMANSKI, H.; ALMEIDA, L.; PRANDINI, R.. A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Líber Livro, p. 72, 2004.